

# **BODAS DE SANGUE**

*de*

***F. Garcia Lorca***

**TRAD: ANTONIO MERCADO**

## QUADRO I

Casa pintada de amarelo

NOIVO (*entrando*) – Mãe.

MÃE – Que é?

NOIVO – Já vou.

MÃE – Aonde?

NOIVO – Para a vinha. (*Vai sair.*)

MÃE – Espere.

NOIVO – Quer alguma coisa?

MÃE – Filho, o almoço.

NOIVO – Deixa. Vou comer uvas. Me dá a navalha.

MÃE – Para quê?

NOIVO (*rindo*) – Para cortar as uvas.

MÃE (*entre dentes e procurando-a*) A navalha, a navalha... Malditas sejam todas as navalhas, e o canalha que as inventou.

NOIVO – Vamos mudar de assunto.

MÃE – Não sei como você se atreve a levar uma navalha no corpo, nem sei como ainda deixo essa serpente dentro do baú.

NOIVO – Ora!

MÃE – Como é possível que uma coisa tão pequena como uma pistola ou uma navalha possa dar cabo de um homem? Um homem bonito, com sua flor na boca, que vai para as vinhas ou para os olivais que tem, porque são dele, herdados...

NOIVO (*baixando a cabeça*) Chega, mãe.

MÃE – ... e esse homem não volta.

NOIVO (*forte*) – Vamos parar?

MÃE – Não. Não vamos parar. Alguém pode me trazer seu pai de volta? E seu irmão? Dois homens que eram dois gerânios... sem fala, viraram pó. E os assassinos, no presídio, folgados, olhando a paisagem...

NOIVO – Já não chega?

MÃE – Não vou me calar nunca. Os meses passam e o desespero me perfura os olhos e pica até nas pontas do cabelo.

NOIVO – E o que você quer, que eu os mate?

MÃE – Não.. Eu falo só porque... É que não gosto que você leve a navalha. É que... que não queria que você saísse para o campo.

NOIVO (*rindo*) – Ora!

- MÃE – Como eu gostaria que você fosse mulher! Agora, nós duas ficaríamos aqui bordando cortinas e cachorrinhos de lã.
- NOIVO (*pega a MÃE pelo braço e ri*) – Mãe, e se eu levasse você comigo para as vinhas?
- MÃE – Que é que uma velha vai fazer nas vinhas?
- NOIVO (*levantando-a nos braços*) Velha, revelha, requitivelha!
- MÃE – Seu pai, sim, é que me levava. Boa casta. Sangue. Seu avô deixou um filho em cada esquina. Assim é que eu gosto. Os homens, homens; o trigo, trigo.
- NOIVO – E eu, mãe?
- MÃE – Você, o quê?
- NOIVO – Preciso dizer tudo de novo!
- MÃE (*séria*) – Ah!
- NOIVO – Você acha ruim?
- MÃE – Não.
- NOIVO – E então?...
- MÃE – Nem eu mesma sei. Assim, de repente, me assusta. Eu sei que a moça é boa. Não é mesmo? Comportada. Trabalhadeira. Amassa seu pão, costura os vestidos, e mesmo assim, quando falo nela, é como se me dessem uma pedrada na testa.
- NOIVO – Bobagem.
- MÃE – Bobagem, mesmo. É que eu vou ficar só. Agora já não tenho mais ninguém, só você, e me dói que vá embora.
- NOIVO – Mas você vem conosco.
- MÃE – Não. Não posso deixar seu pai e seu irmão aqui, sozinhos. Tenho que ir lá todas as manhãs, e se eu for embora pode ser que morra um dos Félix, um da família dos assassinos, e seja enterrado junto deles. E isso nunca! Não! Isso nunca! Porque eu o desenterro com as minhas próprias unhas, sozinha, e esmago na parede.
- NOIVO (*forte*) Já começou de novo.
- MÃE – Desculpe. (*Pausa.*) Faz quanto tempo, esse namoro?
- NOIVO – Três anos.
- MÃE – Três anos...
- NOIVO – Até que enfim, consegui comprar a vinha.
- MÃE – Ela teve um noivo antes, não teve?
- NOIVO – Não sei. Acho que não. As moças têm que saber com quem se casam, olhar bem.
- MÃE – Eu não olhei para ninguém. Olhei para seu pai, e quando o mataram olhei para a parede em frente. Cada mulher com seu homem, e pronto!

- NOIVO – Você sabe que minha noiva é séria.
- MÃE – Não duvido. Mesmo assim, sinto não saber como foi a mãe dela.
- NOIVO – Para quê?
- MÃE (*olhando-o*) – Filho.
- NOIVO – Que é?
- MÃE – Você tem razão! Quando quer que eu vá pedir a moça?
- NOIVO (*alegre*) – Domingo, está bem?
- MÃE – Isso, isso, e tomara que você me alegre com uns seis netos, ou mais, se tiver gana, que seu pai não teve tempo de me fazer outros filhos.
- NOIVO – O primeiro é seu.
- MÃE – Bom, mas que haja meninas. Pois eu quero bordar e fazer renda e ficar tranqüila.
- NOIVO – Tenho certeza de que vai gostar da minha noiva.
- MÃE – Vou gostar, sim. (*Vai beijá-lo e reage.*) Vá, você Já está muito grande para beijos. Guarde os beijos para a sua mulher. (*Pausa. A parte*) Quando já for sua.
- NOIVO – Vou indo.
- MÃE – E cavem bem aquela parte junto do moinho, que anda meio descuidada.
- NOIVO – Pode deixar.
- MÃE – Vá com Deus. (*O NOIVO sai. A MÃE fica sentada de costas para a porta. aparece na porta uma VIZINHA vestida de escuro, com um lenço na cabeça.*) Entre.
- VIZINHA – Corno vai?
- MÃE – Assim.
- VIZINHA – Fui até o armazém e passei para ver você. Vivemos tão longe!
- MÃE – Faz vinte anos que não subo até o alto da rua.
- VIZINHA – Você está bem.
- MÃE – Acha?
- VIZINHA – As coisas passam. Há dois dias trouxeram o filho da minha vizinha com os dois braços cortados pela máquina. (*Senta-se.*)
- MÃE – Rafael?
- VIZINHA – É. E lá está ele. Às vezes fico pensando que o seu filho e o meu estão melhor onde estão, dormindo, descansando, e não expostos a ficar inúteis.
- MÃE – Fica quieta. Tudo isso são bobagens, não consolam ninguém.
- VIZINHA – Ai!

- MÃE – Ai! (*Pausa.*)
- VIZINHA (*triste*) – E seu filho?
- MÃE – Saiu.
- VIZINHA – Já comprou a vinha!
- MÃE – Teve sorte.
- VIZINHA – Agora vai se casar.
- MAE (*como que despertando e aproximando sua cadeira da VIZINHA*)  
Escute.
- VIZINHA (*em tom confidencial*) – Diga.
- MÃE – Você conhece a noiva de meu filho?
- VIZINHA – Boa moça!
- MÃE – É, mas...
- VIZINHA – Mas conhecer, mesmo, a fundo... ninguém conhece. Vive sozinha lá com o pai, tão longe, a dez léguas da casa mais próxima. Mas é boa. Acostumada à solidão.
- MÃE – E a mãe dela?
- VIZINHA – Essa, eu conheci. Bonita. Tinha uma cara que brilhava como a de um santo; mas nunca me agradou nem um pouco. Não gostava do marido.
- MÃE (*forte*) – Mas que gente para saber das coisas.
- VIZINHA – Perdão. Não queria ofender; mas a verdade é essa. Agora, se ela foi honesta ou não, ninguém sabe. Nunca se falou nisso. Ela era orgulhosa.
- MÃE – Sempre a mesma coisa!
- VIZINHA – Você é que me perguntou.
- MÃE – É que eu queria que ninguém conhecesse as duas, nem a viva e nem a morta. Que fossem como dois cactos, de que ninguém fala, e que espetam se for preciso.
- VIZINHA – Tem razão. Seu filho vale muito.
- MÃE – Vale. Por isso é que tomo cuidado. Me disseram que a moça teve um noivo, tempos atrás.
- VIZINHA – Quando tinha uns quinze anos. Ele se casou já faz dois anos – com uma prima dela, por sinal. Ninguém lembra mais do noivado.
- MÃE – E como é que você se lembra?
- VIZINHA – Você me faz cada pergunta!...
- MÃE – E quem não se interessa por suas próprias dores? (*Pausa.*) Quem era o noivo?
- VIZINHA – Leonardo.
- MÃE – Que Leonardo?

- VIZINHA – O Leonardo dos Félix.
- MÃE (*levantando-se*) Dos Félix!
- VIZINHA – Mulher, que culpa tem Leonardo? De que? Ele tinha oito anos no tempo das brigas.
- MÃE – É verdade... Mas é só ouvir falar em Félix e é como – (*entre dentes*) Félix! – como se me enchessem a boca de lama (*cospe*) e tenho que cuspir, tenho que cuspir para não matar.
- VIZINHA – Calma! Que é que você ganha com isso?
- MÃE – Nada. Mas você compreende.
- VIZINHA – Não vá contra a felicidade do seu filho. Não diga nada a ele. Você está velha. Eu também. As duas, caladas; assim é que deve ser.
- MÃE – Não vou dizer nada.
- VIZINHA (*beijando-a*) Nada.
- MÃE (*serena*) – As coisas!...
- VIZINHA – Vou indo, que daqui a pouco a minha gente chega do campo.
- MÃE – Já viu que dia mais quente?
- VIZINHA – Iam negros os meninos que levam água para os segadores. Adeus, mulher.
- MÃE – Adeus. (*Dirige-se para a porta da esquerda. No meio do caminho pára e benze-se lentamente.*)

## CAI O PANO

## QUADRO II

Casa pintada de cor-de-rosa. É de manhã. Sogra de Leonardo embalando uma criança nos braços. A mulher faz tricô.

Nana meu menino  
do cavalo grande  
que não quis a água.

A água era negra  
por dentro das ramas!  
Quando chega à ponte,  
ali para e canta.

Quem dirá, menino,  
o que tem a água  
de tão longa cauda  
em tão verde sala?

Dorme cravo meu,  
que o cavalo não quer mais beber,  
Dorme, dorme meu rosal,  
que o cavalo começa a chorar.

As patas feridas,  
a crina gelada,  
e dentro dos olhos  
um punhal de prata.  
Entravam no rio,  
ai, tão fundo entravam!  
o sangue corria  
Mais forte que a água..

Dorme cravo meu,  
que o cavalo não quer mais beber,  
Dorme, dorme meu rosal,  
que o cavalo começa a chorar.

Não quis nem tocar  
as margens molhadas  
o focinho ardendo  
com moscas de prata.  
Para os montes duros  
é que relinchava

com o rio morto  
na sua garganta.

Ai, cavalo grande  
que não quis a água!  
Ai, ai, dor de neve,  
Corcel da alvorada!

Não venhas, não. Pára!  
Cerra esta janela  
com ramas de sonho  
E sonhos de hera.  
Meu menino dorme.  
Meu menino cala.  
Cavalo, meu filho  
tem a sua cama.  
Um berço de ferro,  
e colcha de Holanda.

Nana, nana, nana.

Ai, cavalo grande  
que não quis a água!

Não venhas, não entres!  
Vai para a montanha,  
por vales de sombra  
onde a égua pasta.

Meu filho adormece.

Menino, descansa.

Dorme cravo meu,  
que o cavalo não quer mais beber,  
Dorme, dorme meu rosal,  
que o cavalo começa a chorar.

(Levam o menino para dentro. Entra Leonardo)

LEONARDO – E o menino?

MULHER – Já dormiu.

- LEONARDO – Ontem não, passou bem. Chorou, de noite.
- MULHER (*alegre*) – Hoje está que parece urna dália. E você? Foi à casa do ferreiro?
- LEONARDO – Estou vindo de lá. Parece incrível! Faz mais de dois meses que fico pondo ferraduras novas no cavalo, e elas vivem caindo. Pelo jeito, arranca todas nas pedras
- MULHER – Não será porque você abusa?
- LEONARDO – Não. Quase não saio com ele.
- MULHER – Ontem as vizinhas me contaram que você esteve na divisa dos campos.
- LEONARDO – Quem foi que disse?
- MULHER – As mulheres que colhem alcaparras. Eu estranhei, é claro. Era você?
- LEONARDO – Não. Que é que ia fazer por lá, naquele deserto?
- MULHER – Foi o que eu disse. Mas o cavalo estava se desfazendo, em suor.
- LEONARDO – Você foi ver?
- MULHER – Eu, não; minha mãe.
- LEONARDO – Ela está com o menino?
- MULHER – Está. Quer uma limonada?
- LEONARDO – Com água bem fria.
- MULHER – E você nem veio comer!
- LEONARDO – Fiquei com os medidores do trigo. Demorados como sempre.
- MULHER (*fazendo a limonada, e muito terna*) E o preço é bom?
- LEONARDO – É o justo.
- MULHER – Estou precisando de um vestido, e o menino de um gorro com laços.
- LEONARDO (*levantando-se*) – Vou ver o garoto
- MULHER – Cuidado, que ele está dormindo.
- SOGRA (*entrando*) – Mas quem anda correndo desse jeito no cavalo? Está lá em baixo, exausto, de olhos esbugalhados, como se tivesse chegado do fim do mundo.
- LEONARDO – Eu.
- SOGRA – Então desculpe; é seu, mesmo.
- MULHER (*tímida*) – Estava com os medidores do trigo.
- SOGRA – Para mim tanto faz... Que arrebente! (*Senta-se. Pausa.*)
- MULHER – A limonada. Está fria?
- LEONARDO – Está.
- MULHER – Sabe que vão pedir minha prima?



- LEONARDO – Quando?
- MULHER – Amanhã. As bodas serão daqui a um mês. Espero que venham convidar a gente.
- LEONARDO (*sério*) – Não sei
- SOGRA – Acho que a mãe dele não estava lá muito satisfeita com o casamento.
- LEONARDO – E talvez tenha razão. Ela é danada.
- MULHER – Não gosto que você pense essas coisas de uma moça direita.
- SOGRA – Mas se ele diz isso é porque sabe. Você esqueceu que ela foi sua noiva por três anos? (*Com intenção.*)
- LEONARDO – Mas larguei dela. (*Para sua mulher*) Vai chorar, agora? Chega! (*Arranca-lhe bruscamente as mãos do rosto.*) Vamos ver o menino. (*Saem abraçados.*)

(Aparece a Menina, alegre. Entra correndo.)

- MENINA – Senhora.
- SOGRA – Que é?
- MENINA – O noivo chegou na loja e comprou tudo o que havia
- SOGRA – Veio sozinho?
- MENINA – Não, com a mãe dele. Séria, alta. (*Imita-a.*) Mas que luxo!
- SOGRA – Eles têm dinheiro.
- MENINA – E compraram umas meias rendadas! Ai. Que meias Toda mulher sonha com meias assim! Olhe só! Uma andorinha aqui (*aponta o tornozelo*), um barco aqui (*aponta a barriga da perna*), e aqui uma rosa (*aponta a coxa*).
- SOGRA – Menina!
- MENINA – Urna rosa com os botões e o cabo. Ah! E toda de seda!
- SOGRA – Vão se juntar dois bons capitais.

(Aparecem Leonardo e a Mulher.)

- MENINA – Vim contar o que eles estão comprando.
- LEONARDO (*forte*) – Não interessa!
- MULHER – Mas deixe
- LEONARDO – Fora daqui!
- SOGRA – Leonardo, não é para tanto.
- MENINA – Com licença. (*Sai chorando*)
- SOGRA – Por que essa mania de brigar com as pessoas?
- LEONARDO – Não pedi a sua opinião. (*Senta-se.*)
- SOGRA – Muito bem. (*Pausa.*)

MULHER (*a Leonardo*) – O que há com você? Que idéia está remoendo nessa cabeça? Não me deixe assim, sem saber de nada.

LEONARDO – Chega.

MULHER – Não. Quero que olhe para mim, e me diga o que é.

LEONARDO – Me deixe em paz. (*Levanta-se.*)

MULHER – Aonde vai, meu filho?

LEONARDO (*áspero*) – Quer calar a boca?

SOGRA (*enérgica, para sua filha*) – Quieta! (*Leonardo sai*) O menino! (*Sai e torna a entrar com ele nos braços. A Mulher permanece de pé, imóvel*)

MULHER (*voltando-se lentamente e como que sonhando, cantarola a Nana*) – Dorme, cravo meu....

## CAI O PANO

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

